



ARNALDO VIANA

>> arnaldoviana.mg@diariosassociados.com.br

● SEGUNDA-FEIRA/Alicione Araújo ● TERÇA-FEIRA/Maria Esther Maciel ● QUARTA-FEIRA/Fernando Brant ● QUINTA-FEIRA/Marina Colasanti ● SEXTA-FEIRA/Arnaldo Viana ● SÁBADO/Cyro Siqueira ● DOMINGO/Affonso Romano de Sant'Anna

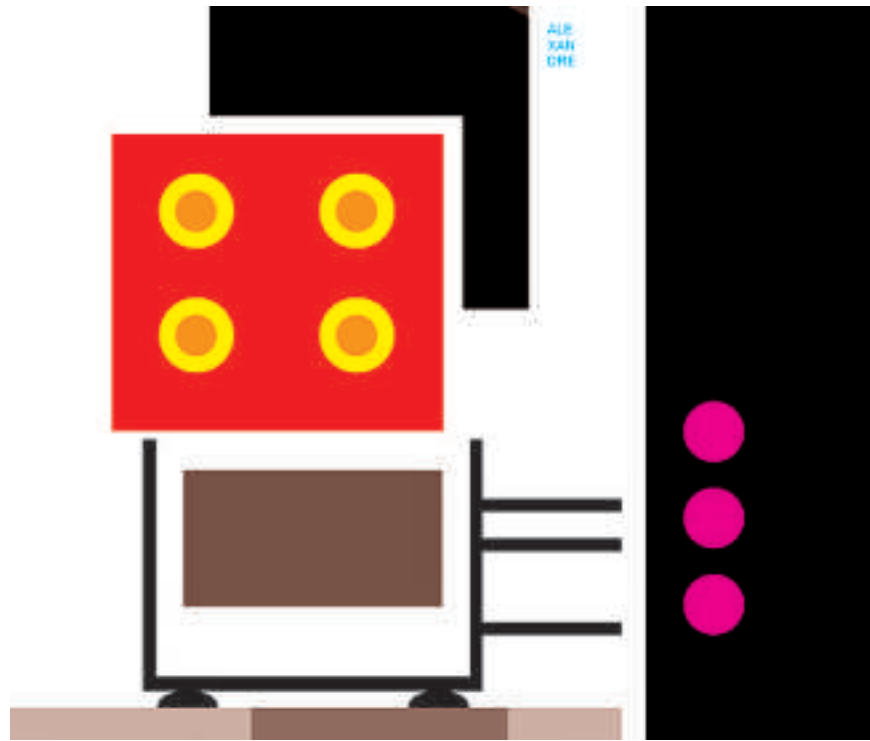
Tempo para chorar

Manhã de domingo em um bairro qualquer da Região Nordeste de BH. Da janela do barraco, Adelina e a filha Lea observavam Luiz descendo a ladeira com a mesa da sala nas costas. O rapaz entrou no beco e desapareceu. Luiz, o filho único de Adelina. A cena não era surpresa. Nos últimos meses, elas saíam para trabalhar e, quando voltavam, achavam um canto da casa vazio. Em um mês, ele levou para o beco as cadeiras, a geladeira, a televisão, as camas, o tanquinho, o ferro de passar, as panelas, o som e coisas pequenas, como o relógio da irmã e bijuterias. Ironia, a televisão. Foi presente dele à mãe uns dois anos atrás, quando foi demitido. Comprou com o dinheiro do acerto com a empresa de ônibus. Luiz trabalhou como cobrador. Adelina, diarista, e Lea, caixa de supermercado, não trocaram uma palavra sequer naquela manhã.

Na cozinha, sobre o fogão, numa das poucas panelas velhas que restaram, Adelina cozinhava costela de boi

com mandioca, prato favorito de Luiz. Mas sabia que ele não comeria. Em seis meses, o filho, que está para completar 21 anos, mudou muito. Como aquela coisa estranha que ele já não fumava escondido o transformou tanto? Virou um palito, o olhar perdeu o sentido, ficou bruto, não toma banho e as melhores roupas e o tênis se perderam no beco, nas trocas insaciáveis. Adelina já não rezava por ele. Nunca havia imaginado algo no mundo mais poderoso que as orações. Ela não entendia bem aquilo, mas sabia que a cachaca do falecido marido não era pior.

Depois de uma olhada na panela de carne, Adelina foi ao quarto e recolheu os colchonetes e as cobertas, os enrolou e amarrou. Pensou no Luiz, no menino carinhoso que sonhava ser policial. Completou o ensino fundamental, mas, com a morte do pai, teve que arranjar serviço e não voltou à sala de aula. Mas era o homem da casa. Fazia questão de assumir as



compras de supermercado e levar o que mais gosta: costela de boi, maçã de peito, feijão preto e potes de queijo para comer com biscoito de

água e sal. Hoje, não faz mais questão de nada disso. Também, nem pode.

O maior susto de Adelina foi no dia em que surpreendeu Luiz reme-

O maior susto foi no dia em que surpreendeu Luiz remexendo a sua bolsa

xendo a sua bolsa. Teve que lutar com ele para não deixá-lo levar o dinheiro das compras. Não escondeu o pavor quando aquele rapaz tatuado, de voz autoritária e arma na cintura, entrou no barraco para cobrar R\$ 150. "Se não pagar, tia, vou apagar o Luiz, depois sua filha e você." Ele voltou umas duas, três vezes. Houve dias em que ela e Lea ficaram sem comer. Só não foi pior porque, no começo daquele tormento, os vizinhos ajudavam. Depois daquela visita armada, eles deixaram até de cumprimentá-las. As contas de luz e de água estavam vencidas e não havia como pagá-las. Ainda bem que não precisavam se preocupar com aluguel. O barraco foi herança do falecido.

Luiz chegou dois dias depois. Adelina e Lea não estavam e não apareceram no dia seguinte nem no outro. Não havia panela no fogo. Menos mal para Luiz. Ele pegou o fogão, pôs nas costas e desceu a ladeira. Os vizinhos olhavam das janelas. Eles sabiam que Adelina não abandonaria o filho assim. Ela ia voltar. Só precisava de um tempo para chorar.

PERNAMBUCO

Artistas do Brasil, da África e dos Estados Unidos abrem o carnaval do Recife ao som de vários estilos musicais. Grupos de maracatu se destacam na folia comandada por Naná Vasconcelos

FESTA MULTICULTURAL

ANA CLARA BRANT

Recife – No Marco Zero, onde o Recife nasceu, terá início hoje à noite a festa mais animada da capital pernambucana: o carnaval. Com atrações gratuitas espalhadas por toda a cidade, o evento é famoso por seu caráter multicultural, marcado pela diversidade de estilos musicais. A cargo do percussionista Naná Vasconcelos há 11 anos, a abertura da folia consegue uma proeza: reunir diferentes nações de maracatu, um dos ritmos brasileiros mais genuínos.

"Quando voltei a morar no Brasil e me propuseram isso, achei inicialmente impossível, um desafio. É a mesma coisa que juntar as escolas de samba Mangueira, Portela e Beija-Flor. Há ranço e rivalidade entre elas. Para

minha surpresa, todos os mestres de maracatu aceitaram e, assim, a gente consegue esse espírito de união todos os carnavais aqui no Marco Zero", afirma Naná.

Todos os anos, o pernambucano – considerado um dos melhores percussionistas do mundo – leva convidados para o carnaval recifense. Vários deles acabam incorporando o maracatu a seus trabalhos. "Eles ficam tão fascinados que acabam incorporando instrumentos e ritmos do maracatu a seus núcleos de criação. Isso é bem interessante", atesta.

Naná Vasconcelos convidou a cantora africana Angélique Kidjo e o grupo norte-americano Stomp para abrir o carnaval deste ano. Nascida em Benin, na África, Angélique ganhou vários prêmios, entre eles o Grammy, e é conhecida por

seu trabalho como ativista social e política. Fascinada pelo Brasil, a cantora já participou de vários eventos no país, mas pela primeira vez estará no Recife. Revela que se encantou com a capital de Pernambuco. "Já fui ao carnaval de Salvador, mas várias pessoas me disseram que o do Recife é ainda melhor. Não posso esperar para conhecer tanta diversidade cultural", declarou.

O repertório de Angélique Kidjo trará versão surpreendente do *Bolero*, de Ravel, a sucessos de carreira, como a canção *Tumba*, passando por *Refavela*, de Gilberto Gil, e *Ominira*, parceria dela com o brasileiro Vinícius Cantuária.

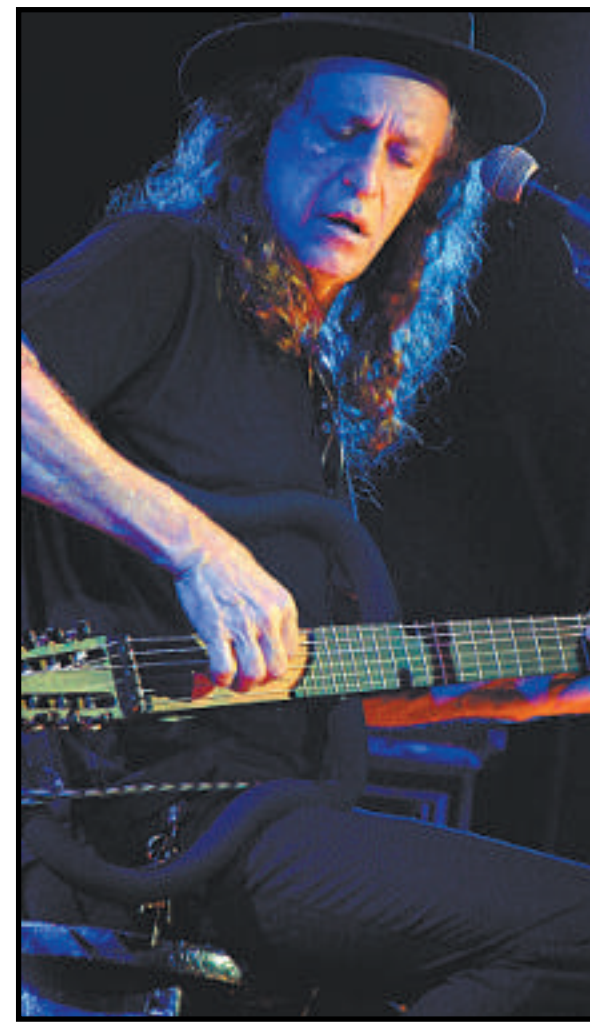
Admiradora de Naná, a quem considera "uma lenda", a artista diz que o percussionista une paixão e humanidade em sua maneira de

tocar. "Música não é só técnica e virtuosismo, mas o tamanho do seu coração", filosofa.

O grupo de percussão Stomp mostrará suas performances criativas – algumas eram exibidas antes das sessões em conhecida rede de cinema do país. Os americanos prometem integração total com os batuqueiros de maracatu. A cerimônia de abertura começa às 18h, com o cortejo que sai da Rua da Moeda, no Recife Antigo, em direção ao Marco Zero conduzido por Naná e grupo de afoxé. No Marco Zero, o grupo Voz Nagô abrirá a cerimônia cantando a capela, para depois Naná chamar seus convidados.

A repórter viajou a convite da Prefeitura do Recife

CATERINE VILARDO/DIVULGAÇÃO



DONO DA FESTA

Este ano, um dos principais homenageados no carnaval do Recife será o cantor e compositor pernambucano Alceu Valença (foto). Hoje à noite, o tributo ao artista vai contar com Ney Matogrosso, Pitty, Lenine, Otto, Criolo, Lirinha e Karina Buhr. A programação completa da folia recifense pode ser conferida no www.recife.pe.gov.br.



O percussionista Naná Vasconcelos e a cantora africana Angélique Kidjo durante os ensaios para o show desta noite

JOÃO ROGÉRIO FILHO/DIVULGAÇÃO

SAIBA MAIS

MARCO ZERO

O Marco Zero fica no Recife Antigo, perto do porto. A partir dali, a capital se expandiu, com aterramentos que lhe renderam comparações com Veneza e cidades holandesas. O marco também é o ponto inicial das estradas de Pernambuco. Em 1999, a

praça foi modificada e ganhou a famosa rosa dos ventos no chão, criada pelo artista plástico Cícero Dias. Esse cartão-postal recifense serve como palco para comemorações, apresentações artísticas e, principalmente, para a folia carnavalesca.



JOHN WEN/DIA PRESS